
RESENHA

MBEMBE, Achille.
Sair da grande noite: Ensaio sobre a África descolonizada.
São Paulo: Vozes, 2019.

Milena Bezerra de Oliveira¹

¹Graduanda em História no Centro Universitário Unisa-
grado. Resenha realizada
para a disciplina de História
da África II, sob a orientação
da Prof^a Dr^a Lourdes M. G.
C. Feitosa.

INTRODUÇÃO

Reconhecido como importante referência acadêmica nos estudos do pós-colonialismo, Achille Mbembe fortalece tal condecoração no decorrer do desenvolvimento deste ensaio. “Sair da grande noite: um ensaio sobre a África descolonizada” é resultado de suas extensas discussões com a cientista política francesa Françoise Vergés. A obra se apresenta como conteúdo ímpar para a edificação do saber pós-colonial, justamente por sua disposição narrativa e autobiográfica em que o autor trata, através de perspectivas particulares, dos protagônismos e problemáticas do continente africano após a colonização e os efeitos do imperialismo colonial.

Nascido em Camarões em 1957, Mbembe abarca uma excepcional carreira acadêmica como filósofo, teórico político, historiador, intelectual e professor acadêmico. Em reflexo de sua formação, o autor traz no ensaio contemplações fervorosas acerca das vagas descolonizações do século XX, discutindo, por meio de analogias poéticas, as desconstruções e reconstruções em curso no continente africano. Os capítulos que se seguem tratam das relações dos indivíduos com aspectos de poder, morte, violência, política e identidade. Os pontos centrais da obra se desdobram entre instabilidades institucionais e populares na África, e as relações as quais o continente fora submetido, sobretudo, com a França. É quase onipresente as duras críticas

Recebido em: 15/11/2020
Aceito em: 03/12/2020

que Mbembe tece aos franceses, em decorrer da atuação desses na África francófona.

Um dos propósitos principais de Mbembe é estabelecer um diálogo acerca do pensamento pós colonial e afro moderno, de maneira que sua prática possa desenvolver interpretações críticas e autocríticas, conforme as responsabilidades tanto dos ex-colonizadores quanto dos Estados africanos para com seu povo. Bem como explanado pelo autor, a história dessa destruição ainda não foi inteiramente assimilada em sua singularidade, portanto, não lança mão de atribuir à sua obra a determinação de apenas mais uma partícula do discurso que permanece em constante construção.

Capítulo I - A partir do crânio de um morto: trajetórias da vida

No primeiro capítulo, através de concepções pessoais de Achille Mbembe, é desenvolvido uma espécie de biografia. Aqui, o autor, nascido no “rescaldo das independências”, discorre sobre as consequências geradas pela colonização e relevâncias acerca da descolonização do continente africano. Mbembe, natural de Camarões, introduz a falta de identidade nacional através da crítica ao nome de seu país, “cresci à sombra dessa região desprovida de nome próprio”, referindo-se ao nome do país atribuído por colonos portugueses que, ao chegarem na região, abismados com a quantidade de crustáceos, deram nome ao território de “Rio dos Camarões” que, posteriormente, foi reduzido e apelidado de “Camarões”.

Ao relatar suas experiências em diferentes regiões fora do continente africano, Achille expõe a razão pela qual deixou seu país, sem intenção de regresso. A falta de humanidade acometida pelo Estado para com seus semelhantes, tornando a política em uma administração cruel, sem vínculo com o espírito de comunidade e fraternidade, se dispõe como motivo principal de seu egresso.

Os discursos oficiais demonstravam, implicitamente, o descaso do governo para com o povo e, principalmente, para com os indivíduos que foram ceifados durante a luta pela independência. Tamanho descontentamento também se expressa ao relatar a liberdade, que foi motivo de luta e morte de tantos, sendo sacrificada pelo Estado em troca da autodeterminação oferecida pelo seu ex senhor. Assim, partindo do que se entende pela ideia principal do capítulo, Mbembe realiza o questionamento central, “estávamos descolonizados, mas, mesmo assim, seríamos livres?”.

Capítulo II – Abertura do mundo e ascensão em humanidade

Neste capítulo, Achille Mbembe trata do vínculo estabelecido entre a descolonização e o neocolonialismo ao indagar que o primeiro se apresenta como ponte para o segundo. A descolonização, segundo o autor, tem início com a libertação dos escravos e sua alforria em relação a uma existência vil; dessa maneira, trata do fim das relações responsáveis por cunhar, forçadamente, o Outro. No entanto, ao apresentar dois exemplos, o de Libéria e do Haiti, Achille demonstra que emancipações, mesmo distintas em suas disposições, sem renovação interna, não garantiriam o autodomínio e apenas submeteriam os dois países a novas formas de servidão.

Conforme expressa o autor, a descolonização somente seria efetiva a partir do instante em que os complexos de inferioridade fossem extinguidos. O negro deve se abrir para o mundo, de forma que se reconheça em igualdade perante a qualquer outro indivíduo. Reconhecer-se confere ao que Mbembe apresenta por pensamento pós-colonial, onde há a necessidade de realizar reflexões acerca do que é ser indivíduo, atuar para si, compreender as contradições e edificar o que é inerente às classes e ao que se refere às relações de “raça”. Isso é crucial durante a descolonização, momento em que nasce a reflexão e o desejo de ser e agir, tomando consciência e admitindo protagonismo na composição de sua própria história.

O autor deixa claro que o pensamento pós-colonial não condiz com qualquer pensamento intitulado “anti-europeu”. A Europa não é mais o centro do mundo e não há a possibilidade da composição de uma sociedade homogênea. Diante disso, cabe ao pensamento afro moderno “entrar em si mesmo”, no entanto, não sacrificando a “saída de si”, que possibilita a viabilização e compreensão do outro ou daquilo que está fora de si. Composições que Achille atribui à crítica pós colonial, referindo-se às reflexões de vida e responsabilidade, a segunda enlaçada à ética, conforme o que ele apresenta como obrigação de responder por si mesmo e afiançar seus atos.

Capítulo III – Sociedade francesa: proximidade sem reciprocidade

Mbembe não poupa argumentos ao criticar a França. Segundo ele, o país europeu não soube avaliar os avanços intelectuais, pensamentos e movimentos sociais. Estagnados em meio a refluxos na-

cionalistas e províncias, os franceses demonstraram incapacidade de pensar em uma futura democracia e em políticas de imigração, perdendo assim apoio das elites africanas. Há uma negação constante da história. A França apresenta uma indisponibilidade hostil acerca do reconhecimento do passado e a falta de comprometimento para com as necessárias reparações. Não há pensamento, tampouco ações pós-coloniais.

Nesse capítulo, Achille também tece críticas aos intelectuais pan-africanistas acerca de suas percepções às línguas estrangeiras nos países africanos. Para o autor, manifestações culturais estrangeiras na África não são meramente um aspecto de domínio externo, considerando que, para ele, as expressões culturais ao chegar ao povo africano passam por adequações, que garantem o pleno direito do exercício e incorporação de tais à identidade. A cultura, sobretudo, a linguagem, se transforma e torna-se verossímilante à outras.

Ao descrever a democracia como desconstrução das concepções imperiais e de supremacia de outrem, subentende-se o desinteresse francês em proporcionar aos países africanos a tal. O autor propõe como reflexão aquilo que é diferente, prática da convivência e percepção das singularidades plurais para desestruturar o racismo e os sentimentos de superioridade.

Capítulo IV – O longo inverno imperial francês

Há uma crítica ferrenha às quase inexistentes produções literárias que tratam das temáticas colonização, descolonização e problemáticas sequenciadas. O autor relata que há uma construção parcial da história da França, essa, interessada no desenvolvimento de discursos nacionalistas, que oculta integral ou parcialmente os pensamentos pós-coloniais, sendo comum encontrar, através de análises, produções acerca da história do imperialismo substituindo a história da colonização.

Segundo o autor, o pensamento e a produção intelectual sobre os corpos póscoloniais surgem timidamente na França após a década de 1990, sobretudo após as ideias de Edward Said serem traduzidas para o francês. No entanto, não há efeito estrondoso, considerando a permanência das glórias alcançadas durante o período das colonizações no imaginário popular, implícito o afeto a tais ideais.

A falta de interesse para com as narrativas dos ex-colonizados não se restringe ao cenário literário, mas é extremamente desolador no âmbito social, considerando a constante negação ao racismo, colonização e escravidão. Conforme Mbembe, através da visão dos

franceses o racismo não assola a sociedade de forma estrutural, mas residual, bem como a escravidão e colonização são vistas como benfeitorias, tendo em vista seus papéis “educadores” e “civilizatórios”. A constante negação da memória se incorpora justamente na intenção de poupar fraturas na historiografia e se livrar da culpa histórica que a França é responsável.

Capítulo V – África: A casa sem chave

Neste capítulo, o autor relata as implicações conforme o estabelecimento de fronteiras. Regressando na história, Mbembe explana que tais implementações antecedem a Conferência de Berlim e, sobretudo, indica as transformações sequenciadas da partilha do continente africano, seja nas condições materiais de produção ou relações estabelecidas pelos africanos entre vida, poder e morte.

As convivências tornam-se em demasiado caos. Internamente, fala-se em crise econômica, condições de vida degradantes e empobrecimento desenfreado. Através desse cenário, as relações dentro do continente se alteram de busca por subsistência para busca por sobrevivência. A violência e a criminalidade aparecem como resultados dessa procura. Segundo Achille, o Estado atua para conservar e acentuar tais conflitos, considerando os constantes incentivos acerca da insegurança desses indivíduos ao dizer que quase tudo e todos eram potenciais inimigos. Dentro disso, as igrejas apresentam influência conjunta conforme declaram a necessidade de aniquilar os demônios.

A questão central está nos conflitos internos acarretados pela partilha do continente, que desconsiderou as questões étnicas, religiões e linguística dos indivíduos. As instituições militares sofrem transformações nos últimos anos do século XX, momento em que as guerras anticoloniais deixam de existir e novos e diversos conflitos aparecem, como aqueles em prol de interesses populares e as guerras a favor dos interesses particulares dos notáveis. As guerras também deixam a retórica anti-imperialista.

Capítulo VI – Circulação dos mundos: A experiência africana

Por fim, Achille Mbembe discute as problemáticas acerca da reafirmação do continente africano. A construção de identidade e

consolidação da nação se dispõem de concepções adversas e abre discussões tanto entre as camadas populares quanto nas elites. Conforme o autor, a própria tentativa de introduzir a democracia gera tensões e conflitos em diferentes países. A África do Sul é apresentada como experiente em progresso, país que se movimenta e manifesta a transição de Estado racial para Estado democrático, retirando-se das concepções coloniais.

O autor apresenta mudanças influenciadas tanto pela crise econômica quanto pela transnacionalização. Nesse sentido, as relações de gênero se alteram ao que era comum, em um cenário financeiro instável, e as mulheres assumem papéis antes considerados apenas masculinos; ademais, acentuam-se os números de segmentos familiares liderados por elas. Sobre a sexualidade, Mbembe relata que há um desenvolvimento silencioso e significativo no continente, influenciado pela globalização. Abrindo paralelo a interpretações diversas, o autor discursa sobre como diferentes regiões concebem a homossexualidade, existindo a clivagem entre concepções conservadoras, que remetem aos estigmas de perversão e posicionamentos progressivos, bem como a países como a África do Sul, que garante o pleno direito às práticas e ao casamento homoafetivo.

Achille contempla as novas formas de expressão africanas, seja no âmbito artístico, literário ou musical, como partícula integrante do processo de reafirmação do continente. Assim, discorre sobre o afropolitanismo que, aberto às influências externas, detém o compromisso de apresentar a história da África com narrativas além das fatalidades sofridas, nesse sentido, busca construir discursos livres de ressentimentos e do peso da “raça”. Além, ainda pensando ao redor dos desígnios da história da África, o autor procura reforçar que essa não se encontra somente dentro do continente, mas em contexto mundial, considerando as diásporas e a presença do povo negro em diversos territórios, por isso a importância das influências externas. Nesse contexto, a miscigenação cultural é de suma importância na construção dos novos discursos, em face a sua relação intrínseca com o continente e seus percursos históricos.

Considerações

Em alguns levantamentos primários, Mbembe expõe a questão do continente e do povo africano serem constante alvo do esquecimento mútuo das sociedades, sobretudo, das ocidentais. Essa obra se dispõe de uma essencialidade imprescindível quando levamos em consideração a necessidade do exercício crítico acerca de quem oferece amparo frequentemente, como no caso da Europa que, embora suas atuações perversas durante períodos históricos consideráveis, ainda assume narrativas heroicas e benevolentes quando cobrados

de qualquer reparação. Em meio a tamanhas atrocidades acometidas pelas sociedades europeias na África, quantas foram as vezes em que viramos as costas para eles ou cobramos a necessidade emergente de reparação aos que a devastaram? Ainda deixamos apagado o protagonismo africano na história.

O conhecimento histórico é indispensável, no entanto, quando se trata da África, o conhecimento da história contada através de suas próprias perspectivas torna-se mais que indispensável, mas uma espécie de obrigatoriedade, principalmente ao corpo docente. É isso que Mbembe traz em sua obra, uma conjuntura de essencialidades do conhecimento que atua como composição imprescindível ao senso crítico, tanto para o âmbito social como um todo como para a sua utilização em sala de aula.

